

PROPOSTA DIDÁTICA PARA TRABALHAR COM O DICIONÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

A PEDAGOGIC PROPOSAL TO USE DICTIONARIES IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES FOR YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA)

Edna da Silva Torres ¹
Maria Célia Dias de Castro ²

Aluna do Programa de Mestrado Profissional em LETRAS da ¹
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Uemasul.
Lattes: 1510203791683349.
ORCID: 0000-0002-6521-2632.
E-mail: edna.torres@uemasul.edu.br.

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás ²
(UFG). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual
do Maranhão – UEMA/Campus de Balsas. Professora do Programa de
Pós-Graduação (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do
Maranhão (UEMASUL). Professora colaboradora PPGEC MINTER/DINTER
UNIJUÍ e UNIBALSAS. Coordenadora projeto ATEMA, Apoio FAPEMA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/85143458443117957>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3346-5990>.
E-mail: celialeitecastro@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir a ampliação do uso do dicionário em sala de aula como um instrumento didático bastante significativo especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no município de Imperatriz-MA, tendo como ponto de partida o estudo do léxico sob o viés do texto. Discute-se o percurso histórico da Lexicografia, no Brasil, desde o período colonial até a contemporaneidade ressaltando a relevância da escolha de um dicionário sempre vinculado ao processo de ensino aprendizagem adequado às necessidades dos alunos jovens e adultos em diferentes contextos de prática de linguagem. O aporte teórico foi embasado em Biderman (1998), Irandé (2012), Krieger (2004) e Isquierdo (2007). A pesquisa é qualitativa, com aplicação de atividades por meio da Plataforma on line Geduc. A partir desses pressupostos, propôs-se uma atividade didática lexicográfica, a produção de um glossário, tendo como base a leitura do texto *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade. Os resultados revelam que o dicionário é pouco utilizado em sala de aula e faz se necessário o uso desse importante recurso nas aulas de Língua Portuguesa, para que o educando possa desenvolver mais suas competências linguísticas e textuais. Desse modo, o referido estudo foi relevante para a ampliação do repertório lexical dos educandos na modalidade EJA, com ênfase no ensino aprendizagem de língua materna.

Palavras-chave: Léxico. Prática de Linguagem. Aprendizagem.

Abstract: This article aims to discuss the increase of dictionary use in the classroom as a very significant teaching tool specifically in Portuguese language classes, in the form of Youth and Adult Education (EJA), in the municipality of Imperatriz-MA, having as a starting point the study of the lexicon from the perspective of the text. The historical trajectory of Lexicography in Brazil is discussed, from the colonial period to contemporaneity, emphasizing the relevance of choosing a dictionary that is relevant to the teaching and learning process of young and adult students in different contexts of language practice. Theoretical principles were based on Biderman (1998), Irandé (2012), Krieger (2004) and Isquierdo (2007). The research is qualitative, and it carries out activities through the Geduc Platform. Based on that, a lexicographical didactic activity was proposed in the form of a glossary, based on the reading of the text *Antigamente*, by Carlos Drummond de Andrade. The results reveal that the dictionary is rarely used in the classroom, even though it is an important resource in Portuguese language classes in order to develop linguistic and textual skills. Thus, this study was relevant to the expansion of the lexical repertoire of students in the EJA modality, with an emphasis on mother language teaching and learning.

Keywords: Dictionary. Lexicon. Portuguese language. Youth and Adult Education.

Considerações iniciais

Conforme Krieger (2003), “o dicionário é um lugar privilegiado de ensino sobre a língua”, sendo um precioso recurso didático que auxilia o professor em suas aulas, uma vez que o dicionário possui uma riqueza de informações que precisam ser exploradas tanto pelos educadores quanto pelos alunos, além de exercerem uma grande influência para desenvolver as competências de leitura no processo de alfabetização e letramento, pois facilita a identificação do alfabeto, da sílaba e da palavra, e com isso, parte do reconhecimento de que a escrita é uma representação diferente da fala.

O dicionário é a representação mais fiel quando se diz que “palavra é poder”. Nesse sentido, Biderman (1998, p. 81) afirma que “a palavra tende a constituir uma realidade dotada de poder”, assim, o dicionário molda o léxico, legitima a existência de uma palavra na língua, mesmo professores e alunos não se dando conta da riqueza de informações que há contida neles, sendo uma prática pouco comum, em sala de aula de Língua Portuguesa, a sua devida utilização, ocorrendo essa consulta apenas de forma trivial, diferentemente do que acontece no processo de aprendizagem das línguas estrangeiras.

São muitos os questionamentos acerca do uso do dicionário em sala de aula: *O que é? Para que serve? Qual é o melhor dicionário? Como ensinar a língua materna levando em consideração a relevância dos estudos do léxico presentes nos dicionários? E como aproveitar o potencial dos dicionários nas aulas de língua Portuguesa?* Questionamentos que pela não efetivação de uso constante desse material didático em sala de aula, expressam essas lacunas.

O professor deve realizar um recorte e inserir o uso desse instrumento tão valioso em sua prática e práxis pedagógica explorando-o em sua totalidade, relacionando-o com o nível de ensino em que o aluno se encontra, escolhendo o que for mais adequado à situação de ensino. Por isso, os dicionários não são todos iguais, diferem-se notadamente tanto na estrutura quanto pela qualidade das informações.

Nesse sentido, buscou-se discutir o uso dos dicionários em sala de aula, propondo uma sugestão didática para se trabalhar o léxico com esse recurso, a partir da aplicação de um texto de Carlos Drummond de Andrade na turma do 8º/9º anos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Santa Laura, em Imperatriz- MA, justamente pelo fato de que, com tal prática, o público alvo da EJA enriqueça e amplie o seu vocabulário adquirindo uma competência lexicográfica. A base teórica partiu de pesquisadores dos estudos do Léxico tais como Antunes (2012), Biderman (1998; 2006), Isquierdo (2007), Krieger (2004; 2005) e Polguère (2018), aporte fundamental para a realização deste trabalho e para os estudos lexicográficos.

Formação da lexicografia no Brasil

No período colonial surge a variedade do português brasileiro. Os jesuítas ensinavam o idioma português aos indígenas, contudo este foi um processo que ocorreu de forma lenta, ainda assim o idioma português, antes de ser consolidado no Brasil, sofreu alguns obstáculos e resistência, pois a língua falada pelos indígenas em quase todo o território brasileiro era o tupi-guarani.

Primeiramente, os jesuítas foram obrigados a aprender a língua dos nativos pelo fato de esse conhecimento facilitar a comunicação entre ambos e com o intuito de catequizá-los e ensiná-los o português. Outro fator preponderante para a expansão da língua tupi foi a implantação das bandeiras¹. Essas expedições saíam do litoral desbravando todo o território brasileiro e os homens que faziam parte delas se utilizavam da língua geral, conforme citado por Oliveira (1999, p. 61) “dando nomes de origem tupi aos povoados que fundavam e aos acidentes geográficos que encontravam”.

Foi apontado por Teodoro Sampaio (1901) o testemunho do Padre Antônio Vieira de que essa era a língua mais falada e que as crianças iam à escola para aprender português, logo bandeirantes e negros escravizados também usavam o tupi como idioma. Nesse sentido, Bider-

¹ As chamadas “Bandeiras” foram movimentos exploratórios (em ambos os sentidos) que partiram sobretudo do atual estado de São Paulo (inicialmente a capitania de São Vicente) em direção ao interior do Brasil, em busca de ouro e escravos. Esses movimentos duraram do final do séc. XVI até o começo do séc. XVIII.

man (2006) é enfática ao afirmar que “tanto o índio como o negro aprenderam o português por necessidade, mas deixaram marcas profundas na língua falada no Brasil”. Percebe-se a forte influência do tupi para a formação e as contribuições relevantes para o léxico brasileiro.

O português não se impôs aos nativos de modo violento. Impôs-se por causa de seu prestígio e por representar uma civilização mais avançada que a dos aborígenes. E também porque era a língua da escola, da administração e da comunicação com o resto do mundo, pois foram eles, os portugueses, a ponte entre o Brasil e o resto da humanidade. Entretanto, os idiomas indígenas deixaram profundas marcas no português, sobretudo no léxico. (BIDERMAN, 2006, p. 68).

Sabe-se que a língua portuguesa se impôs às línguas ameríndias fazendo desaparecer muitas das línguas locais em função de seu prestígio e não se descarta que junto ao processo de povoamento houve muitos conflitos entre portugueses e ou seus descendentes e indígenas em relação às disputas por terra, o que implica uma imposição da língua com raízes de violência. Ao descrever o léxico toponímico do Maranhão, Castro (2012, p. 352) traz parte dessa história de violência com os povos indígenas no Maranhão “Em condição inversamente proporcional ao que ocorria com a chegada dos portugueses é o recuo dos povos indígenas; o avanço daqueles implicava o dizimamente destes”.

Outro fator histórico que influenciou consideravelmente a lexicografia no Brasil foi a busca da identidade nacional no século XIX, quando se iniciaram os questionamentos sobre qual seria a identidade do português brasileiro, que teve como ponto de partida a reivindicação de escritores românticos para que se efetivasse de fato essa autonomia, tendo destaque nessa “luta” José de Alencar e Gonçalves Dias, Castro Alves, entre outros. Contudo, a grande preocupação desses escritores, ressalta Biderman (2002), era muito mais com a liberdade de expressão do que exatamente com a variação linguística brasileira. De fato, uma grande contradição, lembra essa autora, pois continuavam a valer-se do uso dos dicionários que tinham como base o português europeu (dicionários publicados em Portugal), em suas produções escritas, pautavam-se nessas obras lexicográficas para poder justificar certas “incoreções” em seus livros.

Convém assinalar, entretanto, que Gonçalves Dias trouxe uma contribuição relevante para a lexicografia brasileira até o momento pouco conhecida, um dicionário *Dicionário da Língua Tupi*, publicado no ano de 1858, apresentando 4237 verbetes, que embora contendo uma quantidade não tão grande de verbetes, traz relevantes contributos para os estudos do léxico.

Algumas décadas depois um evento revolucionário mudaria o foco dos estudos da língua tupi para um português mais caracteristicamente brasileiro.

A semana de Arte Moderna (1922) retoma com veemência a questão da língua brasileira como símbolo nacional. Os estudos sobre língua indígena prevaleceram durante os três primeiros séculos de colonização cedem lugar aos estudos sobre a língua portuguesa num momento histórico de busca de identidade nacional que provoca a reivindicação de uma língua distinta do português de Portugal (ISQUERDO, 2011, p.121).

Nesse sentido, os intelectuais desse período buscavam, por meio da produção literária, definir a identidade do português brasileiro, tomando como norte a linguagem utilizada no Brasil. De acordo com Biderman (2006), “Os intelectuais brasileiros desse período defendiam realmente era o uso de neologismos brasileiros, lexias essas que se situavam no nível do signo, ou seja, palavras designativas de referentes e conceitos brasileiros”. Nessa época, houve uma massificação de produção de vocabulários, glossários e dicionários para registrar o léxico falado nas regiões brasileiras, repleto de palavras de origem tupi, valorizando o vocabulário

regional em oposição à norma lexical europeia.

Partindo da necessidade de registrar as variações existentes no léxico brasileiro, alguns estudiosos publicaram vocabulários regionais. Macedo Soares foi considerado o primeiro dicionarista a descrever o português brasileiro, mas sua obra não foi publicada na época e sim no período de 1954 a 1955, pelo Instituto Nacional do Livro. Segundo Biderman (2002, p. 71), todo esse material foi compilado por Julião Rangel de Macedo, filho de Macedo Soares. Pelos estudos históricos, sua obra lexicográfica não era considerada grande, contendo cerca de 4.000 verbetes, entretanto foi relevante para os estudos do léxico.

Teodoro Sampaio (1901), Rodolfo Garcia (1905) e Pereira da Costa (1937) publicaram obras relacionadas aos estudos de glossários regionais e sobre o léxico brasileiro, no início do século XX, e assim constituiu-se um pensamento crítico a respeito da língua portuguesa. O dicionário constitui uma obra relevante para a comunidade linguística, pois engloba o léxico do idioma. Nesse sentido, para Polguère (2018, p. 240) “Um dicionário de uma determinada língua é um modelo do léxico dessa língua que oferece uma descrição de cada lexia segundo um padrão relativamente rígido”.

Machado de Assis, em 1926, propunha, na cerimônia de inauguração da Associação Brasileira de Letras (ABL), a elaboração de um dicionário de brasileirismos, mas não ocorreu de fato a publicação desse dicionário. Em 1924, Laudelino Freire apresentou à ABL um projeto para a elaboração do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, mas também não houve a publicação, e Freire, por conta própria, elaborou um dicionário que recebeu a denominação de *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* nos períodos compreendidos entre 1939 a 1944. Nesse trajeto histórico, outro ponto importante para a lexicografia foi justamente quando a ABL delegou a Antenor Nascentes a missão de elaboração do dicionário, sendo este aprovado para ser publicado, contudo, demorou anos para que de fato isso ocorresse. A publicação do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (PDBLP) ocorreu em 1938, com mais de 72.000 verbetes e tinha como objetivo registrar os usos e expressões típicas brasileiras. Bastante aceito pela população, houve outras edições e considerou-se um marco na história da lexicografia do Brasil. Em 1975, surge o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, o qual tornou-se o “dicionário padrão da sociedade brasileira, a partir de então, a publicação de outras edições: O grande Aurélio, o Mini Aurélio (utilizado nas escolas) e logicamente duas versões informatizadas” (BIDERMAN, 2006, p. 79).

Os aspectos históricos relativos ao léxico brasileiro desde o período colonial até a contemporaneidade são relevantes para se compreender quão essencial é o uso do dicionário em sala de aula, de forma que os professores comecem a inseri-lo com atividades que não se limitem apenas à busca de significados ou palavras sinônimas, como Biderman (2006) pontua, ressaltando que ainda é necessário reunir pessoas com base na fundamentação linguística e nos conhecimentos essenciais de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia para a elaboração de um *Thesaurus* do português brasileiro contemporâneo.

Amparo legal: PNLD e BNCC

Sabe-se a relevância do uso dos dicionários em sala de aula para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Partindo desse ponto, o Ministério da Educação criou, em 1985, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), considerado pelos lexicógrafos um importante impacto sobre a produção lexicográfica escolar, com o intuito de escolher e distribuir gratuitamente os livros para os alunos do ensino fundamental das escolas públicas, a partir de 2011, realizando o mesmo processo com os dicionários, tendo como norte a exigência de clareza das propostas lexicográficas e observando o nível de escolaridade dos discentes.

Assim, um dicionário prestará serviços tão mais adequados quanto mais ajustados ao público a que se dirige forem o seu zelo descritivo e a representatividade de sua cobertura. Por isso mesmo, todo e qualquer dicionário segue um plano próprio, orientado para uma situação de uso e um público

determinados. O arranjo particular de métodos e técnicas obedecido pelo dicionário é a sua proposta lexicográfica (PNLD, 2012).

É fato que a proposta do MEC com o PNLD (2006) tinha a função de melhorar os dicionários para serem utilizados nas escolas, pois havia uma denominação dos dicionários escolares ou dicionários para o ensino aprendizagem de língua materna, ou então a possibilidade de inscrição das obras chamadas de minidicionários e, para neutralizar essa denominação², ficaram classificados em dicionários 1, 2, 3 e 4, contendo os tipos de dicionários, as etapas de ensino e as características específicas a esses critérios.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que o uso do dicionário deve ser de forma sistematizada a partir do 3º (terceiro) ano do Ensino Fundamental, contudo nada impede que seja utilizado nos primeiros contatos com os letramentos, uma vez que o dicionário contribui de forma significativa na aprendizagem da alfabetização e letramento, pois facilita para que o aluno conheça e identifique o alfabeto, sílabas e tenha acesso à iniciação no que diz respeito à informação linguística e semântica. Conforme a BNCC (2019, p.129) é necessário (EF03LP24) Ler/ouvir e compreender, com autonomia, relatos de observações e de pesquisas em fontes de informações, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto (BNCC, 2019, p. 129).

Essa informação é bastante relevante para a lexicografia teórica, desenvolvida à luz da problemática do dicionário e até na perspectiva da semântica, logo, esse respaldo legal apresentado pela BNCC, que é o documento mais atual que se têm sobre o quão essencial é usar o dicionário nas aulas de Língua Portuguesa desde as séries iniciais, torna claro que se deve ultrapassar as barreiras da escolha e do aproveitamento dos dicionários em sala de aula, e o professor deve estar instrumentalizado e preparado para utilizar o potencial desses recursos didáticos.

Utilização do dicionário nas aulas de língua portuguesa

A palavra *dicionário* etimologicamente vem do latim medieval *dictionarium*: *dictio* (o dizer, o dito) e *-arium* (lugar onde se guarda), e para definir o que é o dicionário encontram-se com facilidade vários conceitos de autores renomados e estudiosos da lexicografia. No Houaiss (2010, p. 218), o dicionário é uma “listagem, geralmente em ordem alfabética das palavras e expressões de uma língua ou um assunto com seus respectivos significados, ou sua equivalência em outro idioma”. Contudo, tanto alunos quanto professores não sabem de fato quais os objetivos de se utilizar o dicionário em sala de aula; qual a importância dessa obra para o estudo da língua materna. Sabe-se que dicionário e léxico não se confundem, mas ambos estão correlacionados. O dicionário é a obra que registra o conjunto léxico de um idioma sob variadas perspectivas, como se fosse uma listagem de itens lexicais.

O dicionário é uma obra que representa a língua e a cultura de uma coletividade, em certo período, concebido como objetivos determinados. Apesar de ser o depositário dessa língua e cultura, é também um tipo de obra que deve acompanhar a sociedade, mudando com o tempo, as correntes e os avanços tecnológicos (SILVA, 2007, p. 285).

O dicionário, que pejorativamente era conhecido como o “pai dos burros”, causava até certo desconforto em se fazer uso dele, devido a essa denominação dada, uma vez que era como se certificasse a “burrice” de quem a ele recorresse. É sabido ainda da pouca utilização dele nas aulas de Língua Portuguesa, e quando isso ocorre geralmente é apenas para saber como se grafam certas palavras ou para pesquisar sobre o significado dessas palavras com o

² Ver, a respeito, BRASIL. SEB. MEC. Edital do PNLD Dicionários 2012. Brasília: 2011.

intuito de fazer uma reprodução nos exercícios.

(...) o dicionário é reduzido a um “guia ortográfico”, a um ‘tira-dúvidas’ sobre a ortografia de ‘s’, ‘ss’, ‘ç’, ‘sc’, entre outros. Não conquistou, portanto, o dicionário o espaço que merece como recurso didático no âmbito do ensino de línguas, sobretudo quando se trata da língua materna. (ANTUNES, 2012, p. 139)

Além de ser um importante e potente recurso pedagógico não só nas aulas de Língua Portuguesa como também em todos os componentes curriculares que o aluno estuda, o dicionário é uma obra que registra o léxico e o idioma percebendo que ambos não se confundem, que um (léxico) está no outro (idioma), que se interligam. O dicionário é um texto articulado que possui regras para sua produção e significação e, como toda escrita, é destinado para um determinado público, enquanto o léxico é dinâmico, está em constante transformação. Logo, o objeto da lexicografia é dicionarizar o léxico.

Partindo do pressuposto de que os dicionários são instrumentos didáticos que a partir deles são repassadas aos consulentes várias informações sobre a língua e a cultura de um idioma e da relevância da função deles para o processo de ensino/aprendizagem, tanto das línguas estrangeiras quanto das naturais, a problemática que os envolve refere-se ao fato de que se deve ter atenção para uma escolha adequada deles, assim como ocorre com os livros didáticos, que devem ser escolhidos de acordo com os diferentes níveis de ensino. Deve se proceder à escolha dos dicionários atendendo à necessidade de adequação aos distintos níveis de ensino e de aprendizagem dos aprendentes. Conforme Krieger, os dicionários não são todos iguais e não se deve fazer a escolha de forma aleatória e indistintamente.

Sem o hábito de discutir e definir critérios científico-pedagógicos para avaliar a vasta lexicografia existente na língua portuguesa, o professor encontra dificuldades para se defrontar com a constante e difícil pergunta: qual é o melhor dicionário? Em vez de uma análise crítica que lhe permita avaliar e comparar obras, para indicar a mais qualificada e a mais apropriada ao seu projeto de ensino, ao nível de escolaridade de seu aluno, o docente acaba submetendo-se a uma lógica comercial e a critérios práticos, como o custo e o peso do livro (KRIEGER, 2003, 71).

No que se refere à Lexicografia Pedagógica, essa é uma área de estudos direcionada à relação entre o dicionário e o processo de ensino/aprendizagem da língua materna e estrangeira e está em constante transformação e crescimento em virtude da conscientização sobre a importância da função dos dicionários e do papel que eles exercem no processo de aprendizagem de uma língua, sabendo-se que eles são instrumentos didáticos e que trazem inúmeras informações sobre essa língua e a cultura de seus falantes.

A problemática do dicionário escolar parte de algumas dimensões relevantes, entre elas a escolha dos que sejam apropriados, com aproveitamento adequado para seu uso em sala de aula, reafirmando que esse instrumento seja adequado às reais necessidades dos alunos, aos diversos projetos de ensino e níveis de aprendizagem, e de fato que sejam destinados à escola.

Proposta didática

As necessidades do alunado da modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA são bastante diferenciadas daquelas do ensino regular. Aqueles discentes, em sua grande maioria trabalhadores de serviços braçais que passam o dia inteiro em seus serviços e à noite vão para à escola com o intuito de aprenderem e até mesmo como distração, chegam cansados e preocupados com a situação econômica, com filhos para sustentar, às vezes, mal tem um caderno e uma caneta para escrever devido às condições socioeconômicas, ficando muitas vezes à

margem da sociedade. Esse aluno não tem condições de ter acesso à internet, ou a um bom celular - de forma que possa acompanhar devidamente as aulas e atividades - e se o tem é de uso de toda a família. Em virtude dos fatos mencionados, os professores que trabalham com essa clientela têm encontrado muitas dificuldades para conseguir atingir os objetivos planejados principalmente nestes tempos de pandemia.

Partindo das discussões propostas sobre o ensino do léxico e do uso do dicionário como instrumento didático para desenvolver o processo de ensino/aprendizagem dos alunos dos 8º/9º anos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Santa Laura, pensou-se em realizar esta proposta didática, tendo como prioridade atender os seguintes objetivos, de acordo com Antunes (2012, pp. 145-146):

- Promover o acesso a uma gama considerável de informação sobre o léxico, sobretudo no que se refere à possibilidade e plurissignificação das palavras;
- Possibilitar a identificação dos contextos de uso das palavras;
- Desenvolver a competência para o exercício da variação lexical, conforme as exigências dos textos mais formais e de formulação mais precisa e especializada;
- Levar o aluno a descobrir, nas várias acepções das palavras, vestígios da história da língua e da identidade cultural dos grupos de falantes dessa língua;
- Possibilitar ao aluno, o conhecimento de como usar o dicionário, de como e onde procurar as informações que deseja.

Como não estão ocorrendo as aulas de forma presencial nas escolas por conta da pandemia, na rede municipal de ensino de Imperatriz-MA foi disponibilizado aos professores o ensino por meio da Plataforma Geduc On-line, de forma remota. Contudo, os problemas são inúmeros, pois a grande maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA não tem acesso à plataforma, devido às condições socioeconômicas já apontadas. Por essas razões, pretende-se realizar esta proposta didática, tendo em vista que

A formação de um leitor proficiente é um dos principais objetivos do ensino de língua portuguesa e uma proposta de alfabetização com vistas aos multiletramentos precisa levar em conta o caráter multimodal dos textos e a multiplicidade dos textos e a multiplicidade de sua significação (ROJO, 2012, p.39).

Para esta atividade, o texto escolhido é *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade, levando-se em conta o que propõe a BNCC (2019), em que as habilidades são organizadas de acordo com cada etapa e identificadas por um código alfanumérico para cada ano. Para o ensino fundamental, 8º e 9º anos, há referências para o ensino do léxico, em TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO, expresso em Práticas de Linguagem: Análise linguística e semiótica e Objetos de Conhecimentos: Léxico/morfologia, as quais são:

(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominais e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.

(EF08LP05) Analisar processos de formação de palavras por composição (aglutinação e justaposição), apropriando-se de regras básicas de uso do hífen em palavras compostas

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

Os diferentes momentos da proposta são:

1. Apresentar aos alunos o texto, fazer breves comentários sobre quando foi publicado e quem é o autor do texto; sugerir que façam uma leitura silenciosa do texto e, se necessário, refazer a leitura novamente, até que os alunos possam identificar os

sentidos que o texto apresenta.

2. Solicitar que respondam as questões interpretativas do texto;
3. Pedir que identifiquem palavras ou expressões desconhecidas (arcaísmos) e procurem os seus significados;
4. Conversar com os alunos sobre o que são arcaísmos, citar exemplos.
5. Encontrar substantivos e adjetivos arcaicos e estabelecer uma relação com outros vocábulos que são sinônimos, que sofreram formações diferentes;
6. Sugerir que os alunos façam um glossário com essas palavras arcaicas e outro com o mesmo sentido, só que se utilizando-se de vocábulos atuais.
7. Esses glossários produzidos pelos alunos serão publicados em um blog³ criado para postar as atividades de Produção e Escrita da turma dos 8º/9º anos da Educação de Jovens e Adultos.
8. Com a realização da atividade proposta, os alunos poderão observar e constatar que o léxico é dinâmico, percebendo as modificações que sofreram ao longo do tempo, que essas mudanças na língua, seja no léxico, no significado, foram ocorrendo também, uma vez que o léxico acompanha os fatores históricos, sociais e culturais de cada época, acompanhando as transformações da sociedade e isso influencia nos usos e sentidos das palavras, no decorrer do tempo e nos espaços diversificados.

Segue modelo da atividade a ser aplicada.

Ficha de Atividade

Escola Municipal Santa Laura Profa. Edna Torres 8º/9º EJA ALUNO (A): _____
ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA Conteúdo: O uso do dicionário

Considerações Finais

Discutiu-se sobre o dicionário e propôs-se uma atividade de como ensinar a língua portuguesa levando em consideração os estudos do léxico, notadamente o uso do dicionário, de forma a aproveitar o potencial desse recurso didático nas aulas de língua Portuguesa.

Sabe-se que os dicionários são instrumentos didáticos sociais que são normativos em seus usos e apresentam bem mais do que a significação dos itens lexicais de um idioma, e assim, são fundamentais para a ampliação do repertório lexical do aluno, por isso defende-se a necessidade de se aprofundar o ensino de língua materna utilizando-se deles a fim de que sejam mais produtivo ao professor e ao aluno no que tange ao ensino e à aprendizagem sobre a língua e a linguagem para a aquisição da competência lexicográfica, ou seja, para a utilização desses recursos lexicais existentes na língua disponíveis para os diversos textos acionados nas interações verbais dos alunos e professores aprendentes.

Nos resultados obtidos com a atividade aplicada com os alunos da Educação de Jovens e Adultos, por meio remoto, percebeu-se que, além da dificuldade em ter o acesso à internet por questões financeiras e por não ter conhecimento e práticas suficientes de como utilizar tais ferramentas, houve um certo distanciamento do alunado para a realização das atividades. Verificou-se que os alunos que conseguiram concluir a atividade solicitada até identificaram as palavras que são consideradas arcaicas, mas não conseguiram realizar o processo de associação e ressignificação com um vocábulo atual.

De fato, faz-se imprescindível que os professores valorizem e insiram verdadeiramente o

3 <https://www.hostinger.com.br/tutoriais/como-criar-um-blog/>

dicionário na escola, por verificar-se o uso limitado desse valioso recurso em sala de aula, uma prática pouco usual, como apenas para saber a significação de um vocábulo, ou questões ortográficas, ou palavras sinônimas, deixando de apropriar-se das riquezas de informações que são oferecidas nesses instrumentos didáticos. Ressalta-se a importância de uma maior aproximação da Lexicografia pedagógica, uma vez que este campo da Lexicografia está direcionado para o estudo do dicionário com o processo de ensino/aprendizagem das línguas, quer materna, quer estrangeiras. De fato, o professor deve conhecer cada uma das obras lexicográficas para poder indicar a mais adequada para um determinado nível de aprendizagem dos seus alunos a fim de que sejam desenvolvidas essas competências linguística e textual e que de fato o dicionário passe a ser mais explorado e não fique apenas empoeirando nas bibliotecas das escolas.

Referências

ANTUNES, Irandé. **O uso do dicionário como objeto de estudo**. In: Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra**. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, Araraquara, 1998.

_____. **A formação e a consolidação da norma lexical e a lexicográfica no Português do Brasil**. In: Nunes JH, Petter M, organizadores. História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes; 2002. p. 65-82.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com Direito a Palavra: dicionários em sala de aula**. Elaborado por Egon Rangel. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2012. 148 p. (PNLD 2012: Dicionários). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12059-dicionario-em-sala-de-aula-pnld-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01 jun. 2015.

_____. **Guia de Livros Didáticos PNLD 2004: dicionários**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2003. v. 4. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume4.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2014.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTRO, M. C. D. de. **Maranhão: sua toponímia, sua história**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO: 2012, 474 f.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Dicionário da Língua Tupi**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1857.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri & Krieger, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. In SILVA, P. M. (Org) *Para uma tipologia geral de obras lexicográficas*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007. v.3. p. 283-293.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. **Revista Língua e Literatura**. V. 6/7, n. 10/11, UFRGS, 2004/2005.

_____. **Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado**. In: TOLDO, C.S. (org.) *Questão de Linguística*. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo, 2003. p.70-87.

OLIVEIRA, A. M. P. P. **O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos**. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. Araraquara:1999.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264p.

Recebido em 15 de setembro de 2021.

Aceito em 08 de novembro de 2021.